

**Práticas esportivas e sociabilidade na Belle Époque natalense (1900-1930)**

Márcia Maria Fonseca Marinho<sup>1</sup>

Resumo:

O século XX foi marcado por rápidas mudanças no estilo de vida, no uso das técnicas e pelas novas descobertas científicas. A força jovem passa a ser o símbolo da mudança nesse século da agilidade. Em Natal, as agremiações esportivas incorporavam os novos valores de juventude e modernidade que passavam a fazer parte da vida da cidade. Os clubes esportivos moviam a vida social não apenas dos sócios, mas sim de uma vasta camada da população que passou a identificar-se com os clubes, formando os coros das torcidas, ocupando a rua em festa nos dias de competições.

Palavra-chave: cidade- clubes-esportivos- sociabilidade

*Abstract:*

*The XX Century is known by fast changes in people's life style and by the use and discovers of new techniques. In these times of agility, the young power starts to be the symbol of the change. In Natal, the sports clubs incorporated the new values of youth and modernity that started to be part of the city's life. The sport-clubs moved the social life not only for theirs associated, but also for a huge part of the population whose started feel connected to the clubs, forming the choirs, cheering for the teams, occupying the street in party in the competitions day.*

*Keywords: city - sports-clubs - sociability*

As modernas práticas esportivas que surgem entre o século XIX e XX se associam à série de mudanças na estrutura social e cultural da época, como os benefícios do esporte descobertos pela medicina e a aceleração do ritmo de vida e da competitividade nas grandes cidades. A Inglaterra foi o berço de muitos dos esportes modernos, além de ter sido uma grande difusora dessas práticas pelo mundo. Ao esporte estão relacionados muitos valores da nova sociedade de consumo que se formava na Europa, como o culto ao corpo, a valorização das regras, o culto à rapidez e a competitividade.(WEBER, 1989: 259)

Em Natal, as práticas esportivas começam a receber atenção dos intelectuais na década de 1890. No artigo escrito pelo redator d'A *Republica*, que assinava S., sobre as atividades

---

<sup>1</sup> Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2

esportivas no Estado, reclama-se das formas de diversão escolhidas pelos seus jovens conterrâneos, que preferiam passar noites em claro, enclausurados nos apertados salões, “respirando pó e fumo de cigarro e charuto, além de outras emanações” em vez de caírem nas águas do rio Potengi na prática da natação ou remo, a exemplo do que acontecia nos rios das grandes cidades da Europa. O cronista ressentia-se da falta de “clubs de rapazes congregados ao fim, tão digno o que mais for, de divertir-se robustecendo os músculos, exercitando os órgãos, armazenando saúde”, e sugeria que moços natalenses seguissem o exemplo do Rio de Janeiro, que por estar em maior contato com os estrangeiros, já havia aderido às práticas esportivas vencendo a “natural indolência característica dos climas quentes.”(A REPUBLICA, 1897)

Em 1897, quase um mês depois da publicação do artigo de S., foi anunciada no jornal *A Republica* a realização da primeira regata da cidade. (A REPUBLICA, 1897). Até a década de 1910, a maioria das regatas organizadas na cidade não se destinava a grupos de atletas profissionais, nem mesmo aos sócios de clubes oficiais, o que mostrava o caráter informal dessas competições. A realização da regata, além de divertir os participantes amadores e profissionais, divertia também as pessoas que se reuniam na beira do cais ou em pequenas embarcações às margens do rio a fim de assistirem às competições. Quando essas passaram a ocorrer no espaço público, deram margem a uma outra forma de sociabilidade, que não a exercida pelos competidores. As pessoas que se encontravam à beira do cais assistiam, sem sequer levantar um músculo, às competições esportivas nas quais se destacavam os remadores. Esses espectadores são motivados por uma outra lógica, que era a lógica da ação e da saúde que movia os atletas: era a lógica do espetáculo. O esporte para os espectadores, que participam da cena, assistindo, torcendo, viria a se tornar entretenimento. A regata triunfou na cidade por conseguir unir os ideais de força e saúde, característicos da modernidade, com a boa aceitação do público.

Dessa maneira, as práticas esportivas geraram um novo ambiente de sociabilidade na cidade. À medida que os esportes modernos começaram a ser praticados pela elite local, novas associações esportivas foram sendo criadas. Esses clubes, além de organizarem os eventos esportivos, permitiam a criação de ambientes que possibilitavam a sociabilidade da elite.

A sociabilidade da elite vinculada às práticas esportivas mostra-se evidente ao observarmos as competições esportivas organizadas pelos clubes. Nessas competições, as associações esportivas proporcionavam aos espectadores, além das provas esportivas, a banda do

3

Batalhão de Segurança tocando nos intervalos, o que sugere um clima festivo na realização desses eventos. Em 1910, Natal contava com várias associações esportivas responsáveis pela organização das competições, como o *Velo-Club-Natal*, o *Derby-Club-Natalense*, *Sport-Club-Natalense*, *Natal-foot-ball-Club*, etc. Como podemos notar, o nome dos clubes esportivos são todos nomes estrangeiros e há uma razão para isso. Além do fato de o nome de muitas práticas esportivas, vigentes no momento, não terem ainda tradução para o português, a referência aos nomes estrangeiros, em especial aos ingleses e franceses, gera um tipo de proximidade da população natalense com o que se passava na Europa, pois a linguagem também constrói imagens. No caso, o inglês e o francês ajudam a construir a imagem do esportista, já legitimada na Europa.

Os clubes tinham um papel importante na construção dessa nova Natal almejada pela elite local, pois através dessas instituições, difundiam-se novas práticas sociais que seriam refletidas nos espaços urbanos. Aos poucos, o entusiasmo dos atletas e treinadores contagiava os habitantes de Natal. A cada ano que se passava, a cidade, parecia ser tomada, de forma mais intensa, pela febre dos esportes. O uso dos discursos médico-higienistas e eugenistas atuaria na cidade com o propósito de entusiasmar os jovens a trocarem seus vícios por uma nova forma de diversão, que resultaria num real envolvimento dos moços na árdua tarefa de treinar o corpo, construir músculos e vencer. No entanto, o lazer e a saúde não foram as únicas motivações da juventude para seguir os caminhos do esporte. Algumas instituições, como foi o caso do Exército e das associações de tiro, propunham a junção dos ideais de patriotismo e formação de uma nação forte com as necessidades, que se faziam urgentes aos contemporâneos, de reavivar as forças armadas e recrutar membros de classes mais abastadas para o exército.(ARRAIS, 1998:173) O patriotismo difundido pelos militares queria valer-se do poder restaurador do esporte para unir nos recrutas o vigor da ideologia nacionalista com a força física em prol da pátria. Mas foram as tensões causadas pelos conflitos armados da Primeira Guerra Mundial que intensificaram os argumentos da elite em favor das práticas esportivas. A disciplina, a força física e o patriotismo passaram a ser vistos como atributos indispensáveis à juventude durante esses anos de incertezas.

A formação do homem moral e fisicamente forte era uma preocupação que motivava as associações esportivas e a elite. Porém, outros motivos também impulsionavam a prática de atividades físicas na cidade. O esporte, nesse período, ainda era uma prática amadora e a reunião

4

de sócios nos treinos e competições era mais uma forma de lazer oferecida à elite. A competitividade dos jogos e a disputa entre os times não ficavam restritas apenas aos sócios e esportistas. As emoções do jogo expandiam as fronteiras dos clubes e se espalhavam pelas torcidas da cidade.

Com o adentrar do século XX, os saberes médicos redobravam suas preocupações e clamavam, com mais ímpeto a cada tentativa, pela regeneração da raça que se degradava no campo pela falta de higiene, e nas cidades pela ausência de atividades físicas. Os apelos dos médicos aliados ao sentimento de patriotismo, despertado nos brasileiros por uma guerra além-mar, eclodiram num verdadeiro modismo em favor dos esportes. As cidades eram, por excelência, o palco dos grandes torneios de esporte e coube à juventude a responsabilidade de construir com seus próprios corpos uma nova raça, melhorada, livre das degradações físicas, como a sífilis, que marcaram fisicamente os homens e mulheres das gerações anteriores.

Aos olhos dos especialistas, os anos 1920 demonstravam que os frutos de uma educação esportiva começavam a ser colhidos. A aliança dos esportes com a eugenia e a higiene era a solução encontrada pelos cientistas. Somente a união dessas três práticas teria o poder de restaurar as massas no país. A eugenia apontava os esportes como uma solução para o que se acreditava ser um dos maiores problemas do país, a degeneração da raça, causada pelos muitos processos de miscigenação ocorridos ao longo dos quatro últimos séculos no Brasil. Em janeiro de 1920, um cronista, ao comparar duas épocas, mostrou-se entusiasmado com as visíveis mudanças de hábitos incorporados pela juventude natalense, citando Natal como um exemplo característico do poder do esporte:

Quando parti, ha seis annos (...) Natal dormia o seu somno sepulchral e com elle a mocidade, anemica, lymfatica, prostrada no leito da degenerescencia physica e moral. Hoje, volto. E que transfiguração! A juventude é outra, outra a concepção da vida. As sociedades esportivas irradiam a um tempo a luz calma das alegrias fecundas e a fascinação dos corpos esbeltos e robustos. Ama-se a energia physica não apenas como um estímulo para exercita e a iniciativa nos adolescentes, para dar-lhes um sentimento vivo de sua personalidade e de sua dignidade pessoal, mas também porque, sem ella, se esterilizam a vontade e a intelligencia ( A REPUBLICA, 1920)

Na opinião do cronista os jovens haviam transformado corpos raquíticos e franzinos em corpos musculosos, fortes e saudáveis. A estética corporal mudara como também mudaram as práticas, as maneiras de lidar com o corpo. A década de 1920 exaltava o corpo e, nesse período,

5

um novo discurso apelava para a necessidade da prática de exercícios. Os jovens não demoraram a se deixar envolver pelos ideais esportivos e, logo, competiam nas quadras e nos rios, torciam e hasteavam as bandeiras de seus clubes favoritos. O esporte nos anos 1920 era um fenômeno urbano, que gerou moda e mudou a rotina das cidades. (SEVCENKO, 1992:60)

Os esportes ganhavam espaços nas colunas de jornal à medida que ganhavam prestígio na cidade. No jornal *A Republica*, as notas sobre os jogos saíam das sessões de notas “Várias” ganhando o seu espaço próprio na primeira página do jornal. A coluna “Desporto” atesta diariamente a energia e vibração que o esporte espalhava pelos habitantes da cidade.

A aura de entusiasmo esportivo que circundava a cidade só seria possível graças ao esforço de alguns membros da elite, que se mostraram grandes entusiastas das práticas esportivas entre os jovens. Foi decisiva a determinação e o fôlego de voluntários como Henrique Castriciano, Leite Ribeiro, Manuel Dantas e Luiz Soares, que trabalharam em prol da divulgação, instrução, financiamento e incentivo dos esportes na capital.

Muitos esportes que surgiram na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, assumiam uma postura educadora, disciplinadora. Nas escolas, o futebol funcionava como um construtor de uma ética esportiva, do respeito entre colegas, controlador das pulsações. Na virada do século, o futebol já ganhava espaço nas classes médias, que adoravam a prática do futebol como um meio de extravasar as suas energias. Com a guerra, mais uma vez, as tendências nascidas na Europa atravessaram o mar e se instalaram no Brasil. A novidade, desta vez, era o culto nacional ao futebol, a transformação do futebol num rito de integração nacional. Assim, o futebol entrava em um caminho sem volta. Nascia o futebol espetáculo e com ele o esporte como um lazer de massas. (CORBIN, 2002; MATTOS, 1997)

Em Natal, a articulação dos clubes, que se deu na década de 1920, já indiciava uma mudança de comportamento dos esportistas. O crescente número de competições, a busca por melhorias estruturais das sedes e campos dava aos clubes um ar profissional, status que só definiu os clubes de Natal, de fato, em meados dos anos de 1930. E seria justamente na década de 1920 que veríamos surgir uma nova relação da cidade com os esportes. Despontavam as primeiras ações do esporte de massa em Natal.

O crescente envolvimento das torcidas nas competições de remo e, especialmente, nas partidas de futebol, era uma das notáveis mudanças na década de 1920. Assistir aos jogos que

6

antes era uma simples diversão de fim de tarde começou a ganhar proporções cada vez mais sérias, a começar pelo envolvimento do torcedor com o seu clube. As torcidas, que a princípio eram constituídas pelos sócios dos clubes e seus familiares, expandiram-se, envolvendo pessoas não associadas.

Os clubes, com suas bandeiras, hinos e dizeres, inebriavam as torcidas com um sentimento de pertencimento, de modo que se construía uma identificação do torcedor com a sua associação esportiva preferida. Esse sentimento de pertencimento, que se irradiava pelos habitantes da cidade, era o responsável pela formação de uma identidade coletiva que ia além da partida de futebol, ou da disputa de remo. Muitas vezes, o sentimento de pertencimento do clube estava atrelado a uma identidade espacial. Torcer pelo time do Alecrim era, também, torcer pelo representante do bairro do Alecrim. Desta mesma maneira, quando um time norte-riograndense jogava com um time de fora, ele estava disputando não apenas em honra de sua camisa, ele jogava, também, em defesa do Estado.

As práticas esportivas modernas diferem-se das antigas brincadeiras de rua por instituir espaços e regras às práticas relacionadas ao esporte. Os clubes e associações esportivas, neste caso, têm um papel fundamental. Eles definem os espaços destinados às práticas esportivas na cidade e selecionam entre os seus sócios os esportistas competidores. A prática do esporte moderno é institucionalizada, sujeita a regras e a um espaço propício. No entanto, havia maneiras de escapar das regras e imposições da elite. Como mostra, indignado, o redator d'*A Republica*:

A policia tem por mais de uma vez prohibido o jogo de "foot ball" por alguns meninos desocupados que procuram as ruas publicas para esse genero sportivo. Apezar disto, esses pequenos continúam a tanger a bola onde bem lhes convem, fazendo-se portanto necessaria uma medida mais energica afim de acabar de vez com semelhante abuso. (A REPUBLICA, 1917).

Tendo em vista que as práticas modernas implicam em espaços específicos. As práticas esportivas não fogem a essa regra. No caso do futebol, sua prática dependia do campo, das marcações, das arquibancadas, do juiz, dos jogadores e da bola. Sem utilizar-se de nenhum desses recursos, uma outra prática surgia, sustentada pelos resultados obtidos nos campos de futebol: tratava-se de um novo hábito dos cidadãos, o falar de futebol. Essas conversas futebolísticas davam-se em torno da praça do bar ou nos ambientes privados. Um exemplo de como se davam

7

esses momentos de descontração foi dado pelo cronista Paudessú Ricla. Numa quinta-feira, após assistir à partida de futebol no Tyrol, Paudessú seguiu com um amigo para um café, a fim de refrescar-se com uma laranja. Muito atento ao movimento dos fregueses, nosso cronista observava: “pela sala havia mais rapazes e meninos, soldados recém-sorteados, que também discutiam e fallavam animadamente, descrevendo uma peripecia, elogiando um jogador, criticando acerbadamente um outro”.(A REPUBLICA, 1918)

De diversas maneiras a paixão pelo esporte era revelada pela torcida. O proprietário do *Café ABC*, que se localizava na travessa Ulisses Caldas, muito possivelmente escolheu o nome do seu estabelecimento em homenagem ao seu clube favorito. (A REPUBLICA, 1924) Outros torcedores demonstravam o seu favoritismo nas arquibancadas, ou quem sabe, em fervorosas conversas de bar. O que não era admissível ou aceitável, para grande parte da elite natalense, era o favoritismo do torcedor transpor os limites impostos pelas regras de civilidade. Essa falta por parte de alguns torcedores foi tema de um artigo esportivo, publicado pelo jornal *A Republica*, em 1918. Ao cobrir o jogo do *Centro Sportivo Natalense X América Football Club*, pela disputa do campeonato da cidade, o redator observou atentamente o comportamento da torcida. Indignado com o que viu, compartilhava com os leitores sua frustração com parte da torcida e pedia providências:

Temos notado por vezes nos jogos realizados no field do Tyrol serias inconveniencias por parte de alguns espectadores que não sabem manter a devida compostura, fazendo alfazar improprias de lugares frequentados por familias. Muito exaltados chegam ao extremo de vaiar os jogadores e fazer observações inconvenientes que não lhes competem, além de incommoquem os assistentes. (AREPUBLICA. 1918)

Extravasar a paixão pelo time não poderia ser feito ao bel prazer do torcedor. As normas de conduta nos espaços públicos deveriam ser mantidas. Pelo menos era esse o discurso defendido pela elite letrada. Mas, ao que parece, era difícil controlar os impulsos da paixão, que atacavam a racionalidade de alguns torcedores fazendo-os ‘retroceder’, ou quem sabe libertarem-se das ‘presilhas’ impostas pelas normas da moral e dos bons costumes. A torcida não era a única a perder o ímpeto de civilidade, como nos mostra o cronista: “os *players* no calor da lucta ou por falta de ‘educação’ sportiva se exaltam demais em dados momentos, desrespeitando as regras do foot ball para atacarem uns aos outros” (A REPUBLICA, 1918). A falta de compostura, portanto, também era sentida em campo. A agressividade de alguns jogadores, a não obediência das regras, contrariava os valores esportivos da união, civilidade e saúde.

O empenho em formar cidadãos fortes e sãos teve apoio da intelectualidade local e, conseqüentemente, do governo, com especial destaque ao governo de Juvenal Lamartine (1928-1930). No curto período em que administrou o Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine investiu dinheiro público em vários projetos voltados para a prática esportiva. Três das suas grandes obras refletiram, direta ou indiretamente, no movimento esportivo natalense. Indiretamente, a construção da Avenida Atlântica, na praia de Areia Preta, facilitou ainda mais a ida à praia e a prática dos esportes náuticos. Já a construção do *Aero-Club* afetou diretamente os esportistas amadores, que se associaram a esse novo clube, beneficiados com uma nova quadra de tênis, piscina e salões de dança. Mas nenhuma dessas obras teve o impacto esportivo do *Stadium Juvenal Lamartine*, inaugurado em 1929, no bairro do Tyrol. O estádio esportivo seria a consagração da vida esportiva no estado. Esse prédio monumental que se erguia na cidade seria mais um símbolo do avanço da cidade rumo ao ideal de civilidade. Seria, também, a prova do empenho governamental de promover a cultura esportiva entre os jovens.

BIBLIOGRAFIA:

ARRAIS, Raimundo. *Recife culturas e confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, 1998.

CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs: 1850-1960*. Paris: Champs Flammarion, 2004.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MOTTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WEBER, Eugen. *França: fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.